

Comunicação, Tecnologia e Utopia: uma tentativa de análise crítica dos estudos de comunicação contemporâneos

Carolina Dantas de Figueiredo¹

Resumo:

Para compreendermos melhor uma perspectiva utópica bastante recorrente nos estudos contemporâneos de comunicação fizemos uma breve análise sobre o tema a partir dos textos publicados desde 2004 no Intercom e Compós, por servirem ambas como instâncias legitimadas e legitimadoras do debate acadêmico no Brasil. De acordo com este levantamento, pudemos apreender que a ênfase sobre a comunicação utópica, pareceu-nos mesmo, que há uma espécie de entusiasmo com os processos de informatização que norteia as pesquisas em comunicação brasileira, havendo críticas apenas esparsas das relações entre comunicação e tecnologia.

Palavras-Chave: Comunicação, utopia e tecnologia.

1. Em busca de uma crítica à utopia da comunicação

Em pesquisa realizada em 2006, Dencker (2008) realizou um levantamento das tendências da pesquisa em comunicação do Brasil utilizando como ponto de partida as palavras-chaves dos textos enviados para o setor de Temas Livres do Congresso Intercom de 2005. A autora recolheu 365 palavras-chave que dividiu em 28 categorias de acordo com os temas, mídia e assunto específico de investigação, dando um panorama das tendências emergentes. Dencker destaca a grande atenção dada aos estudos das novas formas de relacionamento mediadas pela internet. No ano da pesquisa, 58 trabalhos sobre tecnologias da informação e da comunicação foram apresentados, tendo sido "Internet" a palavra chave mais recorrente². A autora observa a que os estudos que mencionam a Internet e suas relações, tiveram 71% de frequência, o que mostra importância dada ao tema. Ela destaca ainda que,

¹ Bacharel em Jornalismo (UFPE) e Administração (UPE). Mestre em Sociologia (UFPE). Doutoranda no PPGCCOM/ UFPE. caroldanfig@gmail.com.

² Rocha e Montardo (2005, p.3) também percebem a recorrência das temáticas relacionadas à tecnologia nos estudos brasileiros de comunicação. "A relação institucional entre a comunicação e a cibercultura pode ser verificada na existência de grupos de trabalho e de núcleos de pesquisa em congressos e em simpósios da área da comunicação. Da mesma forma, o interesse que essa questão suscita se manifesta no nome de algumas linhas de pesquisa oferecidas por programas de pós-graduação no Brasil, além de se expressar na formação de grupos de discussão a respeito da matéria e de gerar publicações a respeito da mesma" e na nota que segue esta afirmação: "O Congresso anual da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), conta com o Núcleo de Pesquisa 'Tecnologias da Informação e da Comunicação', subdividido em quatro subgrupos: Internet, Hipermídia, Sociabilidade Virtual e Tecnologia e Cultura. Por sua vez, o encontro anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação discute sobre cibercultura no grupo de trabalho denominado 'Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade'" (Ibidem).

mesmo nos textos que tratam das mídias a internet tem ganhado espaço em função das rádios virtuais (Ibidem, p.21) e podemos supor que mais recentemente, também em função da transmissão massiva de vídeos e TV na *Web*. Denker lembra que se comparado com um trabalho anterior seu (KUNSCH & DENCKER, 1997, apud Ibidem) houve uma diminuição das linhas de pesquisa orientadas pelas premissas da Escola de Frankfurt, o que indica uma redução nos estudos sobre Indústria Cultural e ideologia e redução do foco Teoria Crítica e na mensagem, recaindo as atenções sobre as novas formas de sociabilidade promovidas pela Internet, principalmente das suas relações com a cidadania e a política. A ênfase na Internet e nestas novas formas de sociabilidade indica também, uma orientação em direção à liberdade do consumidor de seleção da mensagem e a abertura de canais de interação entre o emissor e o receptor, a proliferação de meios específicos e a segmentação da comunicação. Porém, destaca Denker a discussão política sobre a tecnologia, como por exemplo a opções políticas e tecnológicas que permeiam a escolha do sistema a ser adotado pela TV Digital no país e a questão da interatividade que será permitida pela tecnologia praticamente não aparece. O que nos leva a inferir que a euforia em relação as possibilidades que as novas tecnocracias apresenta tem “cegado” muitos pesquisadores em relação aos riscos que elas apresentam, ou pelo menos, em relação aos cuidados que devem ser tomados para que a liberdade e a interatividade que tais tecnologias prometem, sejam realmente possíveis.

Para Dalmonte (2007, p.129), embora haja uma tradição no pensamento comunicacional Latino-Americano para as discussões acerca da democratização da comunicação, em termos de acesso e participação, há um inegável frisson com os novos veículos comunicacionais, não só pelas suas potencialidades, mas também porque antigas organizações, como a política são obrigadas a apresentar uma nova formatação em função da técnica. Os *mass media* facilitam a disseminação de conteúdos e aniquilam a dicotomia espaço/tempo, o que leva a Gurvitch (1950) a cunhar o conceito de sociedade global depois apropriado por McLuhan, que irá difundir o conceito utópico do mundo como aldeia global (Ibidem, p.131), cabe ressaltar também que McLuhan foi influenciado pelo historiador canadense Harold Innis, que apontou a comunicação como sendo o motor da história. Certamente a formação desta “aldeia global” é uma das principais mudanças de ordem prática proporcionada pelas novas tecnologias de comunicação de massa, permitindo uma circulação de informações sem precedente. A sociedade, ou melhor, as sociedades, se pensarmos localmente, se adaptam para participar desta aldeia por meio do compartilhamento de conteúdos simbólicos comuns, o que aproxima povos de culturas distantes e até mesmo díspares. Em função dos estudos de comunicação e os estudos sobre as mídias, os conceitos de comunicação que vão surgir com as mudanças tecnológicas, vão oscilar, segundo Dalmonte (ano, p.131-2) dos efeitos fortes com base na crença nos poderes avassaladores da mídia, aos fracos, tendo-se por referência a capacidade crítica do receptor.

Segundo o autor, quando se fala em efeitos fortes, a ênfase está no emissor, que é capaz de “acertar” seu alvo, por sua vez os efeitos fracos abordam o contexto da comunicação tomando por referência o tipo de relação que o receptor estabelece com o que lhe é

apresentado. Dalmonte retorna assim a uma perspectiva da comunicação fundamentada nas relações de causa e nos efeitos que ela provoca. Para o autor, a ênfase tem recaído sobre os efeitos fracos, havendo mesmo uma espécie de imaginário social sobre as potencialidades benéficas da comunicação. O que corrobora com a afirmativa de Dencker a respeito de um “silêncio” nas pesquisas sobre as conseqüências negativas das novas formas de comunicação. Esse imaginário social gera um discurso positivo acerca das novas tecnologias que é reproduzido tautologicamente. Neste sentido Dalmonte recorre a Ricoeur (1986, p.379, apud DALMONTE, p.132) para lembrar que ideologia e utopia são duas expressões do imaginário social, que nos situam na história, fazendo a ligação entre nossas expectativas em relação ao futuro, as tradições herdadas e as iniciativas no presente. Ou seja, a utopia da comunicação seria mesmo necessária para que se forme um imaginário sobre os diferentes aspectos da vida humana, mais especificamente, neste caso, sobre comunicação e tecnologia. Flichy (2001, p.14, apud Ibidem, p.133), também percebe a função positiva de ideologia e utopia como constituintes do imaginário social. A utopia apresentaria assim uma possibilidade criativa que resulta o encontro entre diferentes mundos sociais e conflui para a formação daquilo que define como sendo o *objeto-valise*. O *objeto-valise* representaria um conjunto de discursos, “*como que encerrados numa valise, servindo de entorno ao aparato tecnológico, e impulsionando o seu desenvolvimento*” (DALMONTE, p.133), ou seja, os objetos-valises constituem o pensamento fundamental a respeito da comunicação e neste momento o pensamento tem se dirigido para a internet, a vida em rede, o fim das fronteiras. A este respeito, Dalmonte cita Flichy diretamente: “*como não se fatigar de tanto ler colunas dizendo que nós entramos em uma nova sociedade de informação e comunicação, que a Internet constitui uma revolução maior e que nada será mais como antes no seio do ciberespaço?*” (FLICHY, 2000, apud Ibidem, p.132).

A idéia de que com as inovações tecnológicas associadas à comunicação vai nascer uma sociedade nova se torna quase que hegemônica não apenas em função do projeto utópico, mas servindo também aos interesses dos inventores e das empresas de tecnologia que desejam disseminar os usos de seus produtos e, obviamente, vendê-los. Este é um aspecto pouco mencionado das novas tecnologias. Por trás de cada uma delas há uma longa cadeia de agentes econômicos que espera obter lucros com a sua popularização. Isso mancha um pouco a noção de que as inovações tecnológicas associadas à comunicação possam fomentar uma sociedade mais justa e igualitária.

A utopia da comunicação é necessariamente dialógica pois nela o indivíduo participa integralmente do processo comunicacional. Em termos práticos, Dalmonte levanta um primeiro problema desta utopia na contemporaneidade: o fluxo de informações e produtos culturais é desigual entre os hemisférios, ou seja, há um predomínio ideológico do hemisfério Norte sobre o hemisfério Sul, além disso, o acesso dos sujeitos às tecnologias da informação é ainda desigual, embora este quadro venha sendo modificado com rapidez nos países em desenvolvimento. Ainda assim, seria a dialogicidade possível nesta conjuntura? A partir de Matellart (1999, p. 117 apud Ibidem, p.135) o autor constata que a economia dos fluxos

comunicacionais é desigual, o que perpetua relações de dominação. O ponto de partida desta discussão tem sido célebre o relatório MacBride (UNESCO, 1983), um documento produzido pela Unesco que apontou tais desequilíbrios e preocupou-se em analisar os problemas relativos à comunicação. Publicado em 1976 o relatório está, naturalmente, obsoleto, por isso não trataremos dos dados que apresenta detalhadamente. Mas é sobre este documento que é formulado explicitamente, pelos menos em termos de órgãos internacionais o papel da comunicação como base da sociabilidade e a importância da comunicação norteadas pelos avanços tecnológicos que começavam a ocorrer mais rapidamente. O documento tem um caráter explicitamente político e indica que as principais funções da comunicação nas sociedades contemporâneas são (1) possibilitar ao indivíduo a coleta de informação; (2) socialização, por meio da integração do indivíduo na sociedade; (3) motivação através do estímulo a atividades individuais ou coletivas; (4) debate, diálogo e troca de informações; (5) educação e transmissão de conhecimentos; (6) promoção; (7) entretenimento; e (8) integração social e acesso à diversidade de informações.

Por meio destas premissas, o relatório deixa claro que *"só é possível uma ordem social melhor mediante a compreensão e a tolerância, que dependem em grande parte de uma comunicação livre, aberta e equilibrada"* (UNESCO, 1983, p.421). A comunicação livre é prerrogativa para a nova sociedade, para o novo homem, o *Homo communicans* como preconiza Wiener. Daí decorre a inclusão da comunicação como direito fundamental dos sujeitos e das sociedades, cada país deveria então formular seus modelos de comunicação particulares, adequados à sua realidade local, sem esquecer, contudo que tais modelos têm uma inclusão global. Os desequilíbrios dos fluxos comunicacionais entre as nações seriam tão graves quanto as disparidades sociais ou econômicas, (e note-se a intrínseca relação que existe entre tais fatores), culturais e tecnológicas, apenas para citar algumas delas (UNESCO, 1983, p. 422-3). Fica claro que a idéia do relatório era, segundo Dalmonte (2007, p.137) *"dar voz aos que não a têm"*. Note-se que o relatório praticamente cataliza uma perspectiva utópica da comunicação, o que é relevante não apenas como formulação explícita de um *Zeitgeist* acerca da comunicação, mas também porque agendou os debates políticos e mesmo teóricos sobre a comunicação nas décadas seguintes. Embora a questão da técnica tenha se modificado profundamente, os objetivos utópicos da comunicação formulados no relatório MacBride parecem ainda longe de ser superados. E, quem sabe, talvez não sejam superados, se as promessas que a comunicação contemporânea faz se cumprirem efetivamente, o que não nos isenta, contudo, de manter delas um distanciamento crítico.

2. O labirinto do indivíduo nas redes de comunicação

Se a utopia da comunicação centrar seu foco na técnica ela corre o risco de perder o indivíduo de vista, como preconizam Adorno e Horkheimer. Por outro lado a esta utopia preconiza a revolução do sujeito e sua transcendência, por assim dizer, por meio à adesão aos fluxos de comunicação. Breton (1994) comenta que o sujeito revolucionário não poderia jamais emergir espontaneamente na sociedade industrial, pois ele já nasce sendo configurado para o

trabalho, via racionalidade, alienado de si mesmo. A postura crítica sim, poderia ser gradualmente libertadora. Independentemente de qualquer processo revolucionário, apenas a subjetividade autônoma dos sujeitos seria capaz de provocar transformações sociais efetivas. Assim, não é a perspectiva revolucionária que a internet proporciona que deveria modificar os sujeitos, mas a aquisição de uma subjetividade autônoma por meio da crítica e, como já mencionamos por uma crítica dialética, segundo Adorno. solução para isso seria a interação. Porém um outro problema se coloca. Breton lembra que saímos da utopia do trabalho (como elemento de organização social) para a utopia da comunicação, fundadora de uma civilização pós-moderna. Porém, a reificação continua a ser um problema, como querer indivíduos livres, pensadores se ainda são alienados pelo trabalho repetitivos e reificados.

Stockinger (2004, p.3) afirma que o impacto das tecnologias na vida social deve ser compreendidos na medida em que estas convertem modificam a vivência dos sujeitos e sua relação com o mundo. Na sua perspectiva três investimentos primordiais devem ser feitos pela sociedade para a compreensão dos caminhos da comunicação: (a) entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação; (b) associá-las aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte e aos problemas que se propõem solucionar; e (c) entender a natureza das tecnologias da informação como integração de diferentes meios de comunicação, linguagens e códigos, bem como a função integradora que elas exercem na sua relação com as demais tecnologias. Veja que está explícito na visão do autor um movimento multidirecional entre sociedade e tecnologia. A comunicação deixa de ser linear nas novas tecnologias a comunicação para se dar em rede e na rede a interação entre os sujeitos é polissêmica, sendo da diferença entre os atores que a individualidade de cada um emerge. Esta é uma visão possível da interação nas novas tecnologias pois pressupõe, além de diferentes vozes e dignificados uma ampla possibilidade de disputas, conflitos e consensos entre eles, noção esta que se refere aos teoremas da comunicação que aparecem já no final do século XX e incorpora os avanços das teorias sobre a percepção de sistemas cognitivos, biológicos, neuronais e psíquicos, o modelo tecnicista da comunicação e a idéia de que ela funciona simplesmente em termos de ação e reação são ultrapassados. Emissor, interface e receptor são também sistemas cognitivos, por isso um modelo de comunicação linear é insuficiente para explicar os processos que se passam entre eles.

Para Stockinger (Ibidem), comunicação contemporânea cria sistemas reflexivos (autopoieticos) onde a troca de informações não acontece de fato. O que há então é a exibição de imagens, de gestos, de sinais, de falas, sujeitas a uma interpretação de livre arbítrio, sendo o livre arbítrio, neste caso, tomado como efetivamente possível. Já Luhman incorpora na sua teoria o princípio de "*order from noise*" de uma teoria geral de sistemas, para ele a comunicação é um fenômeno continuamente emergente, constituída de instabilidades e flutuações e é em função dessa complexidade que os estudos contemporâneos de comunicação tendem a adotar perspectivas mais construtivistas de seus processos (Ibidem), especialmente quando nos referimos às novas tecnologias de informação que possibilitam a transmissão contínua e não-linear de significados onde tudo é novo e ao mesmo tempo tudo é repetido.

3. Perspectivas das novas tecnologias

Embora o termo tenha surgido na distopia de Gibson *Neuromancer*, o discurso sobre o ciberespaço tornou-se, ainda nos anos 80 utópico, ou antes, já nasceu utópico. A obra ficção científica foi uma espécie de aviso prévio. Antes que a sociedade se torne a sociedade da informação, antes que as comunicações se generalizem de forma que não seja possível escapar delas, antes que o homem se funda à máquina, Gibson alertava sobre o controle, com a objetificação dos sujeitos e, sobretudo, com sua dependência completa à *matrix*. *Neuromancer*, certamente não foi ignorado, porém o tempo e as inovações foram levando usuários, tecnólogos e teóricos a refletir mais assustosamente sobre as vantagens das tecnologias. Não se trata de crer que fossem absolutamente inocentes e que não pudessem contar com a possibilidade do controle e da alienação dos indivíduos por meio destas mesmas tecnologias. Porém a noção de que o sistema se auto-regula, de Wiener transcendeu às críticas. Para Deleuze e Guattari (apud VARGAS, 2007, p.70) as tecnologias digitais emergem de uma certa cultura e formação social e se encontram em uma fase ilusória ao mesmo tempo os interesses políticos irrompem na tecnologia e lhe dão forma, pois ubicam a ampla gama de desenvolvimentos e usos possíveis. Esta fase ilusória, que os autores mencionam seria a fase da tecnologia, de exultar os sonhos tecnológicos como grande placebo para a humanidade. Uma das coisas que possibilitou o avanço desta utopia foi a crença, bastante recorrente de que as tecnologia de informação são alheias a um posicionamento ideológico (Ibidem), na verdade, a tecnologia é necessariamente ideológica, como vimos nos capítulos anteriores. Ela nasce num contexto ideológico, serve-se dele e seus usos serão necessariamente ideológicos. Talvez o computador ou o telefone celular em *stand by* não sejam ideológicos, mas a partir do momento em que um sujeito se coloca diante deles para trocar informações a ideologia já está presente.

As ciências humanas, ciências que nascem de fato na modernidade, são condicionadas, em uma relação de determinação recíproca, pela constituição da sociedade moderna como sociedade da comunicação. Chega-se assim a definir a intensificação dos fenômenos comunicativos, a acentuação da circulação das informações não somente como um aspecto a mais da modernização, senão como o próprio centro e o sentido mesmo deste processo. Há porém dificuldades na formação deste pensamento complexo, em que consiste a teoria. Lopes comenta que sua recriação deve ser permanente ou corre-se o risco da teoria simplificar-se ou degradar-se. Neste sentido há hoje uma "crise de paradigmas" que leva à simplificação da teoria. A autora lembra que para Morin a simplificação da teoria é de triplo espectro. Ela está na *degradação tecnicista*, conservando-se da teoria aquilo que é operacional, manipulador, o que pode ser aplicado, processo no qual a teoria se instrumentaliza. Está também na *degradação doutrinária*, pela qual a teoria torna-se doutrina, e se torna cada vez menos capaz ser posta à prova por experiências experiência e pelo confronto com o mundo exterior. E, por fim passa pela *pop-degradação*, quando através da eliminação das dificuldades, reduz-se a teoria a uma fórmula simples que permite a sua vulgarização. Certamente foi isso que

aconteceu com as teorias que defendem a utopia da comunicação, tornaram-se instrumentais, em seguida tautológicas e depois tornaram-se populares, passaram a integrar o discurso não-científico sobre a comunicação.

A utopia informacional tem origens na própria teoria da informação. Como Sfez (2006) comenta o ideal da tecnologia é ajudar a humanidade a harmonizar-se, proporcionar uma vida pacífica e feliz. Esta esperança do pós-guerra se estende até os dias de hoje tendo sido acrescida de novas características na medida em que as inovações aparecem. Na aldeia global, a *"a fraternidade e o sentimento de igualdade dariam um novo brilho ao conceito de paz mundial e de liberdade para todos"* (ALVES, 2006, p.3), sendo isto, naturalmente viabilizado pelo fluxo livre e democrático de informações. Esta crença na técnica tem suas origens no iluminismo, no que Alves (Ibidem) denomina de "determinismo evolucionista" ou seja, numa crença que assim como ocorre com as espécies, a evolução tecnológica provoca melhorias contínuas. Desde o aparecimento da teoria matemática da informação, de Shannon e Weaver, seguiram-se uma série de comentários de caráter humanista sobre o potencial das tecnologias e seus impactos na comunicação, especialmente na medida em que os meios se digitalizaram. *"O entusiasmo que se seguiu à percepção das potencialidades da organização racional e digitalização dos canais de comunicação tinha uma vertente decididamente racionalista e tecnófila, e tomava os computadores e as novas redes de comunicação como instrumentos do futuro"* (Ibidem). Não se pode dizer que os entusiastas da tecnologia não tivessem razão, o problema foi colocar a tecnologia acima dos indivíduos e dos processos sociais de forma fetichizada.

O risco disso, para Breton (Ibidem, p. 139), foi o de estarmos encerrados num mundo binário em que a única alternativa à comunicação normativa é a violência, a desordem e o sentimento de exclusão, pare ele a "sociedade da comunicação" utopicamente prometida ainda não chegou, mas a frustração que gerou desempenha, sem dúvida, um papel essencial na escalada dos extremismos, ou seja, são os excluídos da comunicação, do ciberespaço, do consumo e da tecnologia que se rebelam e que reagem violentamente à sua exclusão. Martins (2007), de forma análoga, considera o discurso da comunicação uma das fábulas que acompanha o sujeito, após o crepúsculo da metafísica. Para evitar incorrer na fábula os estudos de comunicação devem atentar não só às benesses, mas aos riscos e implicações das novas tecnologias. De modo a situar o sujeito no novo espaço, ou melhor, ciberespaço, comunicacional.

Referências

ALVES, Artur Jorge de Matos Alves. **A reformulação da tecno-utopia pelas tecnologias da informação e comunicação. Doutorando, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.** Anais do IX Congresso IBERCOM Sevilla-Cádiz, 2006. Disponível em: <<http://www.hapaxmedia.net/ibercom/pdf/deMatosAlvesArturJorge.pdf>>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

BRETON, Philippe. **A Utopia da Comunicação.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

BRUNO, Fernanda, et al. **O oráculo de Mountain View: o Google e sua cartografia do ciberespaço.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Agosto de 2006 - 2/21. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/91/91>>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede - A Era da Informação** - Vol. 1 - 10ª Ed., Paz e Terra (2006).

CASTRO, Gisela. **Podcasting e consumo cultural.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Dezembro de 2005 - 2/18. Disponível em: <http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/04_GISELA%20CASTRO.pdf>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

CHISTOFOLETTI, Rogério e LAUX, Ana Paula França. **Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera.** Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.31, n.1, p. 29-49, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewDownloadInterstitial/4809/4522>>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

DALMONTE, Edson Fernando. **Inovações tecnológicas, Webjornalismo e fluxos informacionais: entre novas possibilidades e velhos ideais.** Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.30, n.1, p. 129-149, jan./jun. 2007. Disponível em <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/3237/3046>>. Acessado em 16 de novembro de 2008.

DEL BIANCO, Nelia. **A Internet como fator de mudança no jornalismo.** Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo - Volume XXVII, nº 1, janeiro/junho de 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>>. Acessado em: 16 de Novembro de 2008.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Novas tendências da pesquisa em comunicação no Brasil: preferências temáticas da geração emergente.** Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.31, n.1, p. 15-28, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/view/4808>>. Acessado em 16 de novembro de 2008.

GUIMARÃES, André Sathler . **Reflexões sobre tecnofilia e a impossibilidade da satisfação plena.** In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo - Volume XXVII, nº 2, julho/dezembro de 2004. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/870/652>>. Acessado em: 16 de Novembro de 2008.

LEITE, Sidney Ferreira. **Reflexões sobre a comunicação e sociedade: as contribuições de Douglas Kellner.** E-compós Revista Eletrônica. 1a. ed. Dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/5/6>>. Acessado em 18 de Dezembro de 2008.

LEMONS MARTINS, Moisés de. **Da utopia da comunicação à comunicação sem utopia.**

Metamorfose no sistema e nas relações de comunicação nos últimos trinta anos em Portugal. Atas do Quinto Congresso Português da Associação Portuguesa de Sociologia. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1082/1/mmartins_VCongAPS2_2004.pdf>. Acessado em: 16 de Novembro de 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo. Ed. 34. 1999.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **As fronteiras entre as ciências sociais vistas da comunicação: uma aproximação aos estudos sociais das ciências.** E-compós Revista Eletrônica. 1a. ed. Dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/10/11>>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

LOPES, Marcelo Benevides. **As novas utopias piratas: Uma análise de wikis e projetos colaborativos através da Zona Autônoma Temporária de Hakim Bey.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Agosto de 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/files/10ecompos09_MarceloBenevides.pdf>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

MARTINS, Francisco Menezes. **Cyberspace e os sujeitos da interatividade.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Agosto de 2007 - 2/7. Disponível em: <http://www.compos.org.br/files/17ecompos09_FranciscoMenezes.pdf>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

MORIGI, Valdir José . **Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção de imaginários midiáticos.** Revista eletrônica e-compós. edição 1. Dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/9/10>>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

MOURA, Cláudia Peixoto. **Relatório do VII Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS: as tecnologias do imaginário como extensões do homem.** 2003. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/cs_umesp/article/viewFile/189/147>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

PELLANDA, Eduardo Campos. **Mobilidade e personalização como agentes centrais no acesso individual das mídias digitais.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Agosto de 2007 - 2/14. Disponível em: <http://www.compos.org.br/files/16ecompos09_EduardoPellanda.pdf>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

PIMENTA, Francisco José Paoliello e LORENA FILHO, Dimas Tadeu. **Summum Bonum na Rede: a conectividade é algo admirável?** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Agosto de 2007 - 5/17. Disponível em: <http://www.compos.org.br/files/02ecompos09_Pimenta_Lorena.pdf>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

PRIMO, Alex e SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. **Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus.** Revista eletrônica e-compós. Dezembro de 2005 - 3/17. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/56/56>>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

QUADROS, Claudia Irene de. **A participação do público no webjornalismo.** Revista eletrônica e-compós. Abril de 2006 - 2/21. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/conversacao.pdf>>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo.** Revista eletrônica e-compós. Dezembro de 2005 - 20/27. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/57/57>>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

REDMOND, Dennis. **Adorno's Negative Dialectics as Multinational Marxism.** 2002. Disponível em: <<http://www.efn.org/~dredmond/admm.PDF>>. Acessado em 16 de Novembro

de 2008.

ROCHA, Paula Jung e MONTARDO, Sandra Portella. **Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Dezembro de 2005 – 2/22. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/55/55>>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Os espaços líquidos da cibermídia**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Abril de 2005 – 2/13 Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/26/27>>. Acessado em: 16 de Novembro de 2008.

SERRA, Paulo. **Comunicação e utopia**. In: ROSA, José e SERRA, Paulo. Da fé na Comunicação à Comunicação da fé (p. 121-144). Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-comunicacao-utopia.pdf>>. Acessado em: 16 de Novembro de 2008.

SUBTIL, Filipa. **A comunicação entre a utopia e a tecnocracia: para uma fundamentação teórica das tecnologias da informação**. Análise Social. [online]. 2006, no.181, p.1075-1093. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000325732006000400006&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 16 de Novembro de 2008. ISSN 0003-2573.

STOCKINGER, Gottfried . **Caminhos da comunicação contemporânea**. Revista eletrônica e-compós. edição 1. Dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/4/5>>. Acessado em: 16 de Novembro de 2008.

SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade **As organizações na Internet: um estudo comparativo**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Dezembro de 2005. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/59/59>>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

SZABÓ, Inácio e SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves. **A construção de conhecimento nas comunidades virtuais do ciberespaço**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Dezembro de 2006 – 2/19. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/116/115>>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

TRIVINHO, Eugênio. **Cibercultura e existência em tempo real: Contribuição para a crítica do modus operandi de reprodução cultural da civilização mediática avançada**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Agosto de 2007 – 5/17. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_173.pdf>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.

UNESCO. **Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.

____. **Small media, new voices**. The UNESCO Courier. Paris, n. 2, fevereiro, 2000. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001187/118789e.pdf>>. Acessado em 18 de Dezembro de 2008.

VARGAS, Georgina Araceli Torres. **El acceso universal digital: utopía discursiva**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.30, n.2, p. 67-78, jul./dez. 2007. Disponível em <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/view/3314/3123>>. Acessado em 16 de Novembro de 2008.